



Coleção
Raízes do Futuro

11

COMUNIDADE QUILOMBOLA COQUEIRO DE ESPINHO

MOEDA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Aroldo Fernandes Santos e Sirlene Aparecida Silva.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

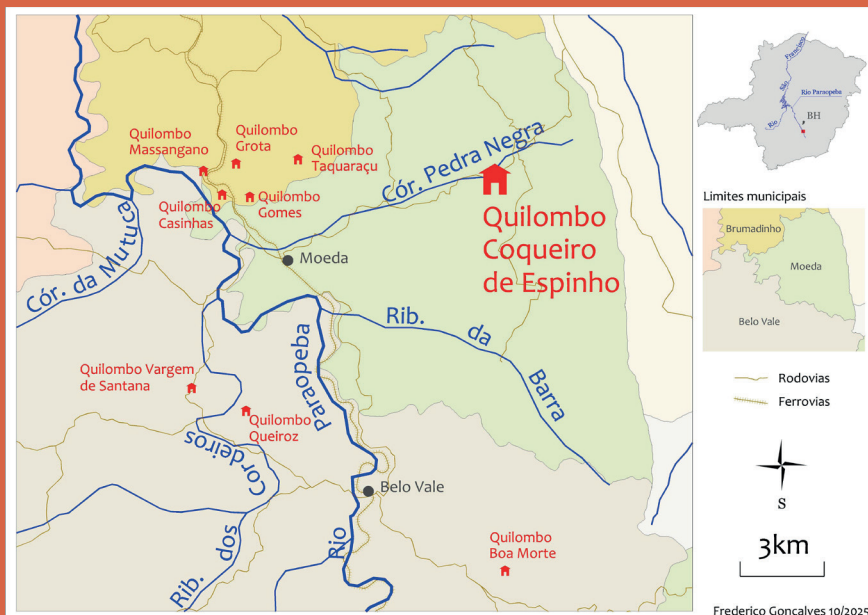
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA COQUEIRO DE ESPINHO

MOEDA - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola Coqueiro de Espinho está localizada no município de Moeda, na região Central de Minas Gerais. Situada em zona rural, encontra-se a cerca de 10 quilômetros da sede municipal, em uma área de relevo montanhoso, coberta por fragmentos de Mata Atlântica e Cerrado, com grande diversidade de recursos naturais. A proximidade geográfica com a Região Metropolitana de Belo Horizonte, estando a cerca de 60 quilômetros da capital, insere Coqueiro de Espinho em um contexto de pressão urbana e territorial crescente, mas não eliminou suas características rurais e tradicionais. Atualmente vivem na comunidade 45 famílias.



■ História

A Comunidade Quilombola Coqueiro de Espinho tem suas raízes ligadas à história de resistência e ancestralidade negra, que marcou o entorno da Serra da Moeda desde o período colonial. A Serra foi um dos importantes caminhos do chamado “Ciclo do Ouro”, atraindo, desde o final do século XVII, bandeirantes e colonizadores europeus. No entanto, foi a presença negra que deixou as marcas mais duradouras no território, por meio do trabalho nas lavras, nas fazendas e na formação de comunidades rurais que preservaram modos de vida próprios.

Entre as antigas propriedades que marcaram a paisagem local, destaca-se a Fazenda das Contendas, construída em 1775 “no lombo de nego, debaixo de chicote e muito sangue”, segundo registros históricos. Como em tantas fazendas da época, o trabalho escravo sustentou a economia da região. Após a abolição, muitos libertos permaneceram nos arredores, consolidando laços de vizinhança e parentesco que deram origem a comunidades como o Quilombo Coqueiro de Espinho.



■ Santinha da Bica D'água.

Nos arredores da comunidade, ainda existem ruínas e vestígios coloniais, como muros e fundações de pedra, antigas capelas e caminhos carroçáveis. Um dos marcos locais é a Santinha da Bica D'Água, pequena imagem de devoção, situada próxima a uma fonte natural, símbolo da relação ancestral dos moradores com a terra e a água, elementos vitais para o sustento e a espiritualidade.

As lembranças mais antigas do Quilombo Coqueiro de Espinho são transmitidas pelas famílias que há gerações vivem no território. Entre elas estão as famílias Pedra, Anastácio e Pacheco.



■ Ruínas da antiga casa de Sr José Pedra e Dona Emília.

O casal José Pedra e Dona Emília teve papel fundamental na consolidação da comunidade. Foram eles, junto com outros

moradores, que construíram a primeira escola local na década de 1960, feita em pau a pique. O casal também apoiava as professoras e zelava pela manutenção da vida escolar.

Os dois tiveram oito filhos, entre eles José Pinto da Silva, Raimundo Pinto da Silva, Maria Geralda Pedra, Antônio José dos Santos, Maria da Conceição Pedra, Vicentina de Jesus Santos, Nadir Pinto Pedra e Joaquim Pinto Pedra.

Maria da Conceição Pedra (Dona Zinha), nascida em 1943, guarda vivas as memórias do passado. Depois do casamento, passou a se chamar Maria da Conceição Santos. Ela recorda o tempo em que, ainda criança, ajudava os pais na roça e ia para a escola descalça, levando o caderno embrulhado em jornal. “A diversão era o serviço”, conta, lembrando que o trabalho nas fazendas da região era a principal forma de sustento.



■ Dona Zinha (Maria da Conceição Santos), e seu esposo, Sr Valdemar.

Outros relatos recordam que José Pedra e seu irmão trabalhavam, em meados da década de 1920, na Fazenda Pedra

Negra, cujo dono era o Senhor Domingos. Trabalhavam nas lavouras de milho, feijão e batata, em carvoarias e na mineração. Os relatos sobre o trabalho “a troco de mão de nada”, expressão usada para descrever o serviço trocado por alimentos ou pequenos bens, mostram as dificuldades enfrentadas pelos quilombolas ao longo do século XX.

Com o passar do tempo, as casas de pau a pique deram lugar às construções de alvenaria, e a energia elétrica chegou na década de 1970. Mesmo assim, o modo de vida simples e solidário permaneceu, com os vizinhos se ajudando nas plantações, nas festas e nas orações.

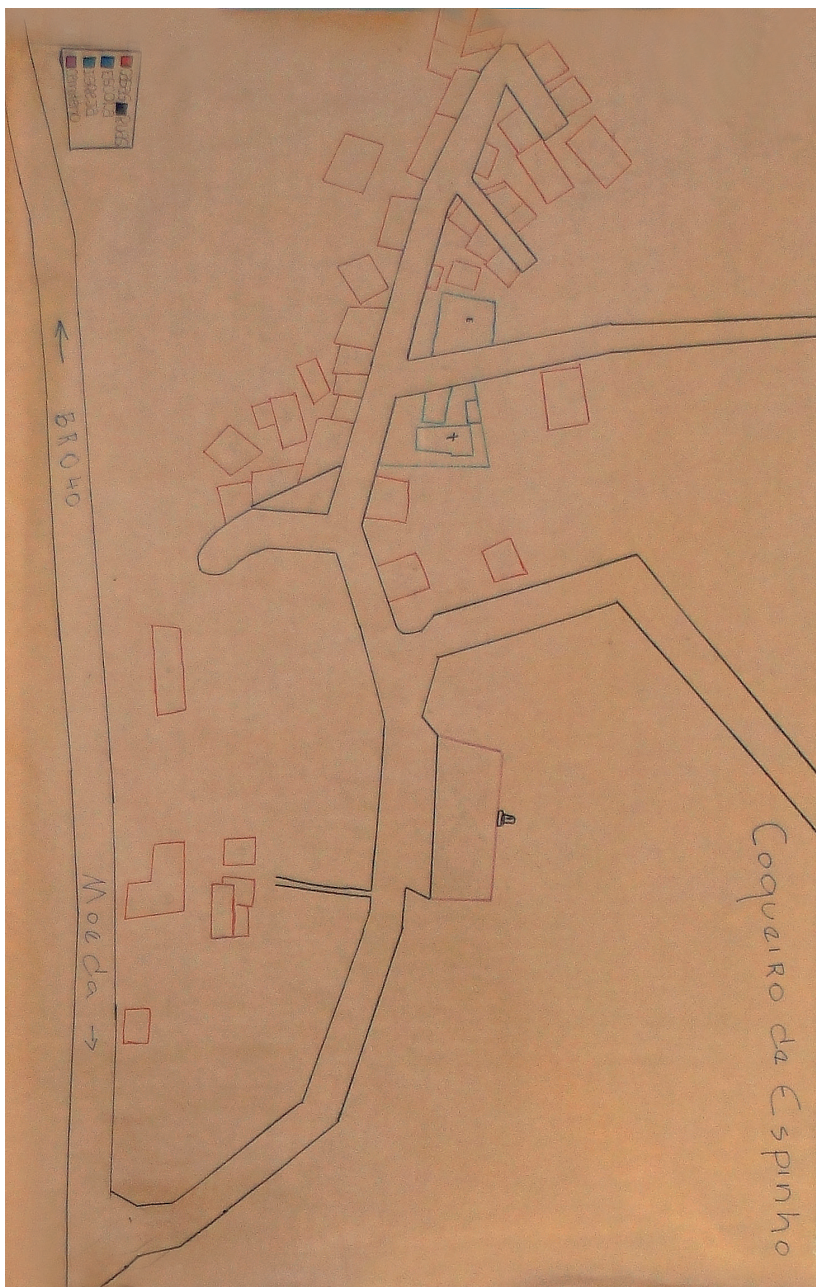
A Escola Rural Municipal Getúlio Vargas, ao lado da Igreja de Santa Efigênia, foi um dos primeiros espaços coletivos da comunidade. Ela atendia crianças de Coqueiro de Espinho e de comunidades vizinhas, como Capoeirão e Pedra Negra. Na década de 1980, uma nova escola foi construída em alvenaria, com energia elétrica e água encanada, funcionando até 2012.

As brincadeiras infantis de antigamente, como peteca, queimada, pular corda e pique-esconde, ainda são lembradas com carinho pelos moradores mais velhos. Hoje, o futebol tornou-se a principal atividade de lazer, reunindo jovens e crianças, embora a comunidade ainda careça de um espaço adequado para os treinos.

A história do Quilombo Coqueiro de Espinho é marcada pela resistência e pelo sentimento de pertencimento ao território. Suas famílias, enraizadas há gerações na Serra da Moeda, carregam a memória de um passado de lutas, fé e solidariedade. Mesmo diante das transformações do tempo, o Coqueiro de Espinho preserva suas tradições religiosas, seus vínculos familiares e o orgulho de uma identidade quilombola que atravessa séculos.

■ Território

- Mapa simbólico da comunidade.



O acesso ao quilombo é feito pela Rodovia Paulo Alves do Carmo, pavimentada em asfalto. No entanto, ao adentrar a comunidade, as vias que conduzem às residências dos moradores são, em sua maioria, de pedra ou terra batida, como a Rua José Pedra, que leva o nome de um antigo morador da região.



■ Rua principal da Comunidade Coqueiro de Espinho..

No interior da comunidade, destaca-se uma edificação pertencente à prefeitura que, em diferentes períodos, abrigou uma escola e um posto de saúde. Atualmente, o espaço é utilizado pelos moradores para reuniões e diversas atividades coletivas.



■ Edificação onde funcionou uma escola e o posto de saúde na Comunidade Coqueiro de Espinho.

Além disso, Coqueiro de Espinho conta com a Igreja de Santa Efigênia e com o cemitério local, ambos considerados importantes elementos do patrimônio comunitário.



■ Igreja de Santa Efigênia

Os serviços públicos são acessados principalmente fora, os atendimentos de saúde ocorrem, em geral, nas comunidades vizinhas de Pedra Vermelha e no centro de Moeda. No campo da educação, o ensino fundamental é oferecido em Vila Coco, enquanto o ensino médio é cursado no centro de Moeda.

Quanto ao uso da terra, antigamente a maioria das famílias não dispunha de áreas próprias para cultivo. Nos quintais existentes, predominavam pés de frutas como jabuticaba, manga, goiaba e coqueiro. Era também comum a criação de galinhas, tanto para a produção de ovos quanto para o consumo. Já as plantações de milho, feijão e batata eram, em muitos casos, realizadas em parceria com fazendeiros locais, por meio dos sistemas de “meia” ou “terça”.

Economia e Sociedade

No âmbito econômico, destacam-se as entradas, correspondentes a bens e serviços não produzidos localmente e que, portanto, precisam ser adquiridos em outras localidades, no caso da comunidade, principalmente nos municípios de Moeda e Belo Horizonte.

Entre os principais itens comprados estão alimentos, como grãos, proteínas, legumes, verduras e frutas. A comunidade produz apenas algumas hortaliças destinadas ao consumo próprio. Também são adquiridos ferramentas e máquinas agrícolas, além de serviços de mecânica para automóveis e motocicletas, medicamentos, combustível, energia elétrica e internet.



■ Apresentação do diagrama de fluxo da comunidade com entradas e saídas.

No que se refere às saídas, ou seja, aos itens produzidos localmente e destinados à comercialização fora da comunidade, os moradores destacam a importância das atividades culturais, uma vez que seus membros são frequentemente convidados para atividades em cidades vizinhas.

Em relação à qualificação profissional e ao acesso à educação, a comunidade também depende de recursos externos, já que essas oportunidades não estão disponíveis localmente. Muitos moradores buscam atividades remuneradas em outras localidades, prestando serviços em setores como mineração, condomínios e indústrias.

Outro ponto relevante mencionado é o abastecimento de água. Embora o poço artesiano esteja localizado no território da comunidade, a água é direcionada inicialmente para um reservatório em outra localidade. Ao seguir por outros pontos de distribuição, chega a Coqueiro de Espinho por último, o que frequentemente provoca falta de água.

No campo social e cultural, a Igreja de Santa Efigênia, padroeira da comunidade, é o principal ponto de encontro. As missas acontecem no primeiro domingo de cada mês, e a festa da padroeira, celebrada em setembro, mobiliza toda a comunidade.

Outra tradição marcante é a Folia de Reis, realizada desde a década de 1950, sob a liderança de José Anastácio e José Pedra. A celebração unia música, fé e solidariedade, sendo também um meio de arrecadar recursos para a construção da nova igreja.



■ Joaquim Francisco Anastácio (ao centro) e os filhos, José Francisco Anastácio (à esquerda) e Aroldo Fernandes Santos (à direita).

O senhor Joaquim Francisco Anastácio manteve viva a folia até 2006. Recentemente, essa tradição perdeu força entre os mais jovens, que deveriam manter o legado, principalmente para composição dos times de pastorinhos. Entretanto, algumas das famílias mais antigas ainda guardam materiais e instrumentos ligados à folia, na expectativa de conseguir reviver essa tradição.

Também existiu, no passado, uma banda de música formada por moradores, entre eles José Anastácio, Francisco e Bendito, que animava as festas e os bailes da região. Com o falecimento de seus integrantes, a banda se desfez, mas sua lembrança segue viva nas narrativas orais dos mais antigos.

As celebrações religiosas e culturais da comunidade desempenham um papel essencial na manutenção da fé, da identidade e da memória coletiva. Cada evento e festividade reforça os vínculos de pertencimento e promove momentos de convivência que valorizam e reafirmam a tradição afro-brasileira.



■ Moradores da comunidade de Coqueiro de Espinho em diálogo sobre o processo de certificação quilombola.

Atualmente, a comunidade vem se organizando para obter o reconhecimento oficial como comunidade quilombola junto à Fundação Cultural Palmares. Esse processo representa

um passo fundamental na luta por direitos historicamente negados, pois o reconhecimento não apenas reafirma sua história e ancestralidade, mas também evidencia a urgência de garantir condições dignas de vida para seus moradores.

Entre 2023 e 2025, durante sua participação no Projeto Raízes do Futuro, os representantes quilombolas identificaram diversas demandas, expectativas de melhoria local e sonhos para a comunidade. Entre as prioridades, destaca-se a reativação de equipamentos públicos que já existiram no território, como o atendimento de saúde por meio de uma Unidade Básica. Também foi apontada a necessidade de implantação de serviços de educação infantil, incluindo creche e pré-escola — equipamentos que nunca estiveram presentes em Coqueiro de Espinho, mas cuja demanda cresce a cada ano. Esses serviços são considerados essenciais tanto para o desenvolvimento das crianças na primeira infância quanto para oferecer suporte às mães que acumulam trabalho fora e tarefas domésticas.

Por fim, foi evidenciada a demanda por espaços de lazer e esporte, especialmente diante da mobilização de crianças e jovens que buscam organizar um time de futebol e manter treinos regulares, mas não dispõem de local adequado. Nesse contexto, as ruas da comunidade acabam se tornando, muitas vezes, o único espaço possível para lazer e prática esportiva.■



■ Representantes de Coqueiro de Espinho apresentam os sonhos da comunidade no Raízes do Futuro.

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

